

A condessa de Lónyay, filha do falecido rei Leopoldo da Belgica, ao serviço da Cruz Vermelha

Ilustração

2.^a série—N.º 468

Lisboa, 8 de Fevereiro de 1915

Redacção, administração, oficinas de composição e impressão: RUA DO SÉCULO, 43

EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL O SÉCULO

Portuguesa

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA
 Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Lda.
 Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLÓNIAS
 PORTUGUEZAS E REESPARRA:
 Trimestre 1\$20 cty.
 Semestre 2\$40 »
 Ano 4\$80 »

Numero avulso. 10 centavos

Agencia da ILUSTRACÃO PORTUGUEZA em Paris, Rue des Capucines, 8

A marca REMINGTON-UMC estampada n'uma arma ou cartucho significa confiança, segurança e satisfação



Todos os homens devem familiarisar-se com o manejo de um rifle desde os primeiros dias da sua infancia. Para ensinar creanças deve-se escolher uma arma segura, leve e de precisão. Um pae prudente terá a precaução de fornecer a seu filho um rifle de repetição **REMINGTON-UMC** Calibre 22, e pôde-lhe explicar facilmente as qualidades vantajosas d'esta arma comparada com as dos outros fabricantes, expressando-se poudes mais ou menos nos seguintes termos:

- A culatra solida** conserva o mecanismo limpo e evita que os gazes da arma escapem e irritem os olhos.
- O cão invisivel** protege contra disparos casuaes, e não se pôde prender nos ramos ou outros obstaculos.
- A ação da corrediça** Permite tiros successivos e rapidos, sem ter que se tirar a arma do hombro.
- O expulsor lateral** atrai o cartucho vazio para o lado sem passar pela linha visual nem sujar a roupa.
- O botão de segurança** e uma precaução contra disparos accidentaes, porque fe podem fazer-se mais facil e eficazmente. O rifle pôde-se desarmar sem a ajuda de ferramentas e pôde-se limpar pela culatra.
- O desarme e a limpeza** os mais afimados, de segurança e precisão são os REMINGTON-UMC fabricados pela mesma companhia.

Todas as armas **REMINGTON-UMC** gosam das importantes e belas qualidades acima descritas. O rifle de repetição **REMINGTON** Calibre 44 é o mais adaptavel para as Colonias e Brazil.

Escrevam-nos pedindo um catalogo em portuguez. Este envia-se gratis. Contem informação valiosa e importante para os comerciantes e atradores.

REMINGTON ARMS — UNION METALLIC CARTRIDGE CO.

299, Broadway, NEW-YORK

Agentes no norte do Brazil: **LEE & VILLELA**, Caixa Postal 42A, S. PAULO — Caixa Postal 183, RIO DE JANEIRO.

Agente no territorio do Amazonas: **OTTO KUHLEN**, Caixa Postal, 20 A — MANAOS

Agente em Portugal: **G. HEITOR FERREIRA**, Largo de Camões, 3—LISBOA



Rifle Remington Calibre 44



(44 REMINGTON) WCF

TELEPH. **PERFUMARIA** N.º 2638
ROSA D'OURO COL. GAL
SORTIMENTO
Rua do Oury, 281 JOAQUIM R. ALVES
LISBOA

MOZAICOS — AZULEJOS —
CAL HYDRAULICA
CIMENTO AGUIA ROCHEDO

GOARMON & C.

Rua do Corpo Santo, 17, 19 e 21
TELEPHONE 1244 — LISBOA

CAPITAL

Ações	360.000\$000
Obrigações	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortização	266.400\$000
Reservas	950.310\$000

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Mariairaia e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. — *Escritorios e depositos:*

Companhia do Papel do Prado

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276 **PORTO**—49, Rua de Passos Manoel, 51

Endereço telegraphico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.**
Numero telefonico: **Lisboa, 605—Porto, 117**

AGENTES E COMMERCIAES:



Ganhem dinheiro com o nosso extenso sortimento de Ampliações de Retratos de Oleo, Aquarela, Sepia, Miniaturas, Convex, etc., etc. Alem que com as nossas **Oleographias, Aquarelas**

feitas do Natural, Crucifixos Luminosos, Esteroscopios, Vistas, Chromos e Estampas de toda a especie, Molduras, Quadros, Obgetos de Arte e varias Novidades.

Desejamos agentes para diferentes pontos d'esse paiz. Concedemos agencia exclusiva a agentes activos.

Peçam o nosso catalogo em hespanhol o qual o enviaremos gratis. Correspondencia em Portuguez ou Hespanhol. Garantimos a nossa mão de obra e mercadorias. Rapidez e promptitude no serviço. Grandes descontos para os agentes e commerciantes.

Consolidated Portrait and Frame Co.
1029—Dept. C. 37, W. Adams Street,
Chicago, Ill., E. U. A.

O ministerio

No seu belo livro «*A qui tient la supériorité des anglo-saxons*», Demolins estuda o pessoal politico da França moderna, e faz, ácerca dos elementos que o constituem, interessantes considerações. Lembrei-me de Demolins ao conhecer, pelos jornaes, a organização do novo ministerio. Houve tempo em que os ministros, em Portugal, eram todos ou quasi todos bachareis em leis. Durante oitenta anos de constitucionalismo outorgado, a Faculdade de Direito foi a *Mère Gigogne* do nosso pessoal politico. Depois, com o advento da Republica, vieram os medi-



cos. A medicina invadiu a alta diplomacia, a alta politica e a alta administração. Agora, com o gabinete Pimenta de Castro, appareceram os engenheiros. Quatro officias de engenharia, dos mais illustres, sobraçam n'este momento as pastas da guerra, do interior, das finanças e das colonias. Quer isto dizer que o paiz, desiludido dos advogados, procurou os medicos, e desiludido dos medicos recorreu aos engenheiros? De modo nenhum. Isto quer dizer, simplesmente, que o paiz precisou primeiro de leis, depois de saúde, — e agora precisa de obras.

Gott strafe England!

N'este momento, toda a gente repete na Alemanha uma frase que fez fortuna: *Gott strafe England!* Deus castigue a Inglaterra. Já não se dão os bons dias nem as boas noites. O cumprimento *vieux jeu* desapareceu. Quando dois alemães se encontram, nas ruas, nos cafés, nas praças, — uma só frase surge, gutural, ruidosa, confiante: *Gott strafe England!* Abraçam-se dois amigos? Beijam-se dois noivos?



Retinem, n'uma saúde, duas taças de Champagne? *Gott strafe England!* Entretanto, as noticias chegam. Aeroplanos inglezes voam sobre as fabricas Krupp. A esquadra alemã é batida no Mar do Norte. O «Blucher» afundase. Cruzadores e «destroyers» fogem, no nevoeiro, perseguidos pelo almirante Beatty. Um jornal de Copenhague, o *Wekly Dispatch*, conta por quatro milhões de homens as baixas austro-alemas. E ao passo que a multidão, hirsuta de pelos loiros e inchada de cerveja bávara, grita, rouca, diante dos «placards» de Berlim: *Gott strafe, Gott strafe England!* — Deus, cheio de impassibilidade e de bom senso, não parece absolutamente nada disposto a castigar a Inglaterra.

Camões em Paris

Deram entrada no Palacio Nacional de Belas Artes dez *maquettes* do monumento a Camões em Paris. Acaba de ser nomeado o jurí que as ha-de julgar. Quem lêr de boa fé estas simples noticias, e não souber o que se passou com o monumento do Marquez de Pombal, não faz idéa da formidável tragedia que vae desenrolar-se em volta d'essas dez hipoteses de gess, — que são as *maquettes*, e d'esses



cavalheiros aborrecidos e graves, — que constituem o jurí. E, entretanto, esse jurí é digno da gratidão publica. Tem, no melhor dos casos, de excluir nove projetos e de premiar um; sendo certo que cada projeto é obra d'um arquiteto e d'um escultor, — o jurí já sabe, d'ante-mão, que ha-de haver dois concorrentes premiados, que não lhe agradecem, e dezoito concorrentes excluidos, que o descompõem. Se computarmos em dez o numero provavel de amigos de cada candidato infeliz, — um dos vogaes pode contar, desde que deixou cair na urna as suas nove honestas favas pretas, com mais um ativo de cento e oitenta inimigos. Eu bem sei que o grande poeta, mesmo em bronze, merece todos os sacrificios. Mas vou jurar que diante d'esses dez Camões inevitavelmente cegos d'um olho, — não haverá um só dos membros do jurí que não se lamentem, sinceramente, de não ter nascido cego dos dois.

Poetas

Tenho sobre a minha meza de trabalho dois livros de versos, de que ainda não falei: as «Infernaes», de Mario de Artagão, e as *Doze Canções d'Amor*, de João de Santiago Presado. No presente momento



literario, em que quasi todos os poetas nos dão a impressão de que se parecem, é com viva curiosidade intellectual que approximo e comparo estes dois livros, itão interessantes e itão diferentes. Um, intenso, caudaloso, ardente, expressão convulsa d'essa arte de exceção e de paradoxo que produziu as *Blasfemias* de Richepin e as *Nervoses* de Rollinat; outro elegante, sobrio, calmo, suave, — ao mesmo tempo luminoso e vago como um grande mosaico doirado visto através d'um nevoeiro.

JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Manuel Gustavo).

GOMO SE FAZEM HEROES



—Tenho de te dizer embora me custe minha querida Luiza que se verificam os teus presentimentos.

—Vaes na expedição? — perguntou Luiza com voz maguada e tremula.

—Não te aflijas, mas é caso decidido — respondeu tomando-lhe as mãos enternecido o alferes Viana, rapaz de seus vinte e sete anos, estatura regular, olhar brilhante, fisionomia aberta e franca expressão de energia no semblante. — Não te amo menos por isso Luiza. Antes posso afirmar-te que o teu amor é um dos fortes estímulos que me impellem para a Africa...

—Custa a compreender...

—Não custa.

—Vaes ariscar a vida num paiz que dizem insalubre, onde as febres vitimam mais homens que os combates, onde os inimigos conhecem o meio, sabem valer-se de todas as traições e dispõem de forças muito mais numerosas; vaes por gosto visto que não pertencias aos corpos expedicionarios; e dizes-me que o fazes em parte por amor de mim! E se não voltasses? Que prova de amor tão singular me terias dado: tirar-me a esperança de ser tua mulher, a esperança de ser feliz. Não custa a perceber?

Mais interessante ainda, iluminado e quente o olhar, as faces em fogo, transfigurada pela eloquencia do seu afeto que a exaltara da sua reserva habitual, Luiza pareceu mais bela que nunca ao seu namorado que, fundamentalmente abalado e cativo dos dotes e encantos de Luiza, mal conseguiu dominar a dor do que julgava uma injustiça.

—Talvez percebas um dia. Basta que te dê a minha palavra de honra de que o teu amor não é estranho á minha resolução. Conheces-me pouco. Ha três meses apenas que me permitiste falar contigo no regresso do collegio onde lecionas e isso por pouco tempo para que te não tomem por leviana. Nada sabes da minha vida por assim dizer.

Eis a razão porque não comprehendes o meu procedimento. Mas... repito, não te aflijas.

Além disso cumprio o meu dever. Mais cedo ou mais tarde seria chamado o corpo a que pertenco. Antecipome eu pedindo a colocação num dos que seguem agora. O dever do soldado é combater pela patria. Nem eu quereria que a minha mulhersinha pensasse de modo diferente. E eu espero que has-de-ser a minha querida mulhersinha, não é verdade?

—Essa esperança me dá animo, meu querido Alberto. Mas tranquilisa-te. Embora sinta imensa tristesa ao lembrar-me de que vaes partir, não te tirarei a coragem sensibilizando-te com os meus temores exagerados talvez pelo estado do meu espirito nestes ultimos dias tão atormentado de inquietações. Minha pobre mãe peorou, ainda l'ou não disse. O medico achou-a hontem muito mal. Já hoje faltai ás lições da manhã no collegio para não a deixar. Ela sente-se tão feliz tendo-me ao pé de si e eu tão triste com o receio de a perder, tão confrangida para não lhe deixar adivinhar a minha desesperança, que chego a perder a presença de espirito nas situações mais banaes, que direi? n'esta expectativa de te ver partir!

Emfim, farei das fraquezas forças. E por agora preciso de te deixar. Fui ás lições só para ter o ensejo de saber que resolução tomavas, mas não sem o remorso de me afastar de minha mãe. Não sei esta agora quando nos veremos, tudo depende do seu estado.

—Não serei eu que te desvie dos teus deveres de filha. Mal sabes que grande amor tenho tambem a minha mãe. Vae, minha Luiza, oxalá encontres a tua doente melhor.

E selaram a despedida com um terno aperto de mão e um olhar cheio de amor.

Em casa de Sebastião Viana, pai de Alberto Viana, um dos officiaes expedicionarios, não havia grande alegria desde muito.

Sebastião Viana, ex-sub-diretor duma companhia de seguros, fôra fulminado por uma hemorragia cerebral de que lentamente convalescêra paralisado das pernas; e vegetava havia três anos n'uma cadeira de rodas que a dedicada esposa, mãe de Alberto, passeava no tempo que lhe sobrava dos arranjos da casa, num pequeno quintal do rés-do-chão que habitavam em uma das ruas transversaes do Campo dos Martires da Patria. Por vezes inconscientemente irascivel, por outras sensivel até ás lagrimas como todos os doentes daquele genero, necessitado de tódo o auxilio, Sebastião Viana era um encargo adorado mas penoso para a esposa e para o filho.

Lograra vèr concluido o curso militar do filho e caíra na alfura em que este começava a fruir o parco sóldo de alferes.

A companhia onde fôra sub-diretor continuou a dar-lhe o ordenado enquanto esteve de cama. Depois deulhe a cadeira e um pequeno subsídio que administrado parcimoniosamente com o sóldo do filho por D. Albertina Viana, mal chegava para a modesta subsistencia dos três.

E a pobre senhora, cançada da lida de todo o dia, sentava-se ao serão ao lado do seu impaciente invalido trabalhando em artigo de malha para uma fabrica que lhes pagava... por preço de fabrica. E assim conseguia, trabalhando três ou quatro horas cada noite, angariar mais uns tostões para algum acepipe suplementar que pudesse fazer diversão á monotonia dos pratos baratos que ela podia oferecer aos seus com os magros recursos de que dispunha. E logo ao principio do serão, Alberto, que se sentava ao lado de sua mãe na firme intenção de fazer



um bocado de companhia á animosa mulher que ele tanto venerava, sentia-se possuido de uma piedade infinita por aquele obscuro heroismo, marejavam-se-lhe os olhos de lagrimas e para occultar a sua commoção prestetava um serviço no quartel, a necessidade de se informar dum assunto relativo á sua profissão, ou uma reunião de camaradas, e saía revolvendo no seu espirito um mundo de ideias em busca duma orientação que lhe facultasse os meios de dar descanso á velhice de sua santa mãe.

Creado no amor da familia, acordava nela ao mesmo tempo o desejo de a constituir, inato por assim dizer em todo o homem de bem. Mas seria esse desejo realisavel? E quando o fôsse, onde acharia ele uma raridade como a fantasiava, á imagem de sua mãe, sem outras aspirações que não fossem a felicidade dos seus em que fazia consistir a sua propria?

No cerebro de Alberto flutuavam imagens indecisas,

meros produtos da sua fantasia, que nunca sonhára ver tomarem corpo na terra até ao momento em que viu Luiza de Freitas, rapariga esbelta e bela, de vinte e dois anos quando muito, correta nas maneiras, discreta nos gestos, reservada no falar, elegante sem atavios, respirando modestia e distinção; o quer que fôsse de alheio ao vulgar, que em nada se parecia com as raparigas cujos dotes os seus amigos lhe encrenciam com elogios, sempre a seus olhos imerecidos, o que lhe valera o epíteto de «desdenhoso».

Ele que nunca se lembrára de seguir mulheres deixou-se ir inadvertidamente na esteira d'aquela. Decorrem alguns mezes n'esse enlevo sem Alberto pensar sequer em manifestar-se, até que um dia, casualmente, vieram à fala. E desde então nunca mais Alberto Soares Viana, informado de que Luiza lecionava linguas e geografia n'um dos melhores collegios de Lisboa, deixára de lhe ir ao encontro tres vezes por semana quando ella regressava das lições. Paravam uns momentos a conversar, a «trocar impressões», como é de uso dizer-se agora; elle reconhecendo-a dia a dia mais sensata, instruida e bondosa; ella, cativando-se das qualidades de caracter que se revelavam a cada passo na conversação de Alberto; ambos eles tendo a presciencia de que fariam uma união feliz.

E quanto mais a finha, mais angustiosamente Alberto perguntava todos os dias a si mesmo: Mas como?! Em que circumstancias poderia elle constituir familia?

Para ser feliz não lhe exigiam grandezas os seus gostos modestos; mas se queria uma esposa á imagem de sua mãe, não a queria sacrificada em tempo nenhum como a veneranda mulher que lhe dera o ser. Nem por outro lado, se julgava com o direito de dar o bem estar a outrem emquanto para aquella não obtivesse primeiro o descanso que julgava ter o dever de lhe proporcionar como tributo sagrado da sua ternura filial e da sua gratidão. E voltando a pensar em Luiza, na necessidade que ella tinha de recorrer ao trabalho para se manter e manter sua mãe (prestes a deixal-a só no mundo, como o coração da filha acertadamente presagiava) nas suas grandes aptidões, também não concebia que um homem de caracter pudessem formar planos de vida domestica sobre o subsidio financeiro que a esposa viesse trazer ao lar, produto do trabalho remunerado. Que a força das circumstancias levassem o marido a aceitar a cooperação da mulher na solução das difficuldades ultteriores do casal para a manutenção dos filhos, admitia-o; mas aproveitar de semelhante cooperação em beneficio da sua propria ventura seria uma vileza inconcebivel para o seu cerebro.

Alberto queria uma esposa que o tornasse feliz, mas queria também retribuir essa felicidade, subtraindo a mulher eleita pelo seu coração aos contactos vulnerantes dos meios monetarios para a envolver n'uma atmosfera de intimos desvelos e homenagens.

Queria o amor e a ventura domestica como elle a entendia e de nenhum outro modo.

Que fazer?!...

• • •

A guerra desencadeára-se por todo o mundo.

A sua patria contrairá também compromissos de honra e tinha reivindicadas a fazer porque fôra afrontada. O alferes Soares Viana era adentro d'alma um verdadeiro soldado. Só pensava em honrar a farda quando se tratava da defeza do seu paiz. Por outro lado, como homem, os seus sentimentos de humanidade, offendidos pela crueldade selvagem dos tiranos que pretendiam recalcar o mundo inteiro, revoltavam-se incitando-o á luta. Lendo os relatos dos inumeros crimes e atrocidades perpetradas pelos beligerantes contrarios, a sua mãe procurava instintivamente o punho da espada n'um impeto generoso de desagravo que elle não consentia ficar por mais tempo inativo. A par d'estes sentimentos, as suas preoccupações dominantes, a felicidade dos que amava, a sua propria, incitavam-no a tomar parte nos combates que se estavam travando, a ir em busca de arrojadas

aventuras guerreiras de que elle adviria a gloria, a subida de postos rapida, a nomeação para missões de confiança, e com tudo isso a realisação dos seus mais formosos ideaes.

Era este triplice incentivo, o amor da patria, da humanidade, da familia, que o levava á Africa como ao seu unico campo de acção.

A Africa! Era ali que ia honrar o seu paiz.

Era ali que ia ganhar a aposentação da sua mãe na duplicação do soldo; era ali que ia ganhar a sua aliança de noivado.

Dominado pelo ardente entusiasmo que fez os grandes heroes do passado, com o cerebro povoado das formosas illusões da mocidade, cego por uma d'essas miragens que arrastam os homens aos mais sublimes feitos, tantas vezes á morte, algumas vezes á vitória, Alberto ia partir sem que alguém pudesse demove-lo do seu desiguo. Iria engrandecer o seu nome. Partia cheio de esperanza, havia de voltar coberto de gloria para se dar aos seus grandes amores de filho e de esposo.

E se por lá caissee?

Devia prevêr a hipotese. Pois bem: ficaria aos seus uma memoria honrosa e a pensão de sangue que sua bondosa mãe partilharia com Luiza para lhe aligeirar as canceiras, emquanto outro mais ditoso elle não admirasse os dotes de corpo e de alma e elle dêsse a independencia pelo casamento.

Não ha feridas de coração que o tempo não cicatrize e Luiza merecia bem ser venturosa afinal, como elle mereceria a consagração da patria, sua outra mãe.

Para o soldado era aquella a melhor occasião de morrer.

E demais, aqui, no seu papel de inutil, também poderia morrer vitima de qualquer doença endemica de exaltada virulencia casual: tanta mocidade é anualmente ceifada por doenças tifosas. Que inglorioso seria vestir uma farda e cair assim! Não. Iria combater. A ocultas de sua mãe pediria a transerencia dizendo-lhe— piedosa mentira—que fôra por ordem superior mudado de corpo.

E a dedicada mulher, tão habituada a sofrer, soube dominar a sua dôr para incutir coragem ao filho.

Tantos teem ido e tantos teem voltado com gloria, filho—comentou ella com um meigo sorriso mas sem levantar os olhos do trabalho para que não fossem vistas as lagrimas que os humedeciam.

— O seu coração diz-lhe que será esse o meu destino, não diz, minha mãe?—perguntou elle tomando-lhe a cabeça para beijar.—Para que são essas lagrimas? Não vê o meu entusiasmo?

—Vejo Alberto! São involuntarias. Nunca te separaste de mim, é natural que me penalise a tua ausencia. Pen sarei durante ella no regresso. Que alegria será a de nos tornarmos a vêr! Mas diz-me cá, não tens alguma coisa ou alguém a recomendar-me? Dêste-me vagamente a entender ha tempo que havia uma imagem no teu coração. Era um afeto verdadeiro?

— Era e é. E precisamos falar d'elle.

—E' então uma pessoa de quem me possas falar, meu filho?—perguntou D. Albertina com interesse.

— O' minha mãe, eu falaria d'este modo se assim não fosse? Se a conhecesse... mas vae conhece-la, e bem cedo. Depois me dirá o que pensa da minha escolha. Quero vê-las juntas no regresso. E Alberto com o braço passado á volta do pescoço da mãe, sentado junto d'ella, contou-lhe quanto sabia de Luiza de Freitas.

Era filha de um guarda-lyrvos que auferindo bons lucros a internára n'um collegio inglez no intuito de lhe dar uma educação util, para elle aproveitar com criterio as aptidões que ella de muito creança revelára.

Ainda não completára a educação quando seu pae cegou. E faltando os proventos Luiza ficou no collegio como monitora até á morte d'aquelle, sobrevivida pouco depois.



A saúde precaria da mãe, a necessidade de olhar a zorra por ela mais de perto obrigaram-na a sair do collegio onde fôra educada e d'onde levou referencias taes que lhe abriram immediatamente as portas d'outra casa de ensino onde ficou lecionando externa com regulares honorarios. D'elles viviam muito modestamente mãe e filha. Aquella foi peorando sempre de uma enfermidade que não perdôa e entrava agora no transe extremo.

Luiza ia ficar só no mundo; Alberto ia partir; deixava um lugar na casa... não; deixava uma filha. E esta encontraria nova mãe. Pois não era bom assim?

Ambos lhe sentiriam menos a ausencia. Juntas teriam a noticia dos seus triunfos, juntas falariaem d'ele, juntas iriam lançar-se-lhe nos braços quando ele chegasse victorioso e coberto de gloria.

Amanheceu o dia da partida. O tempo que nas ultimas semanas estivera de puro inverno pareceu dar finalmente treguas aos pesados aguaceiros e ao vento agreste que de bocado a bocado os puxava com violencia do sul. Ténues nuvens brancas que orlavam o horizonte ao amanhecer dissiparam-se vagarosamente e deixavam transparecer farrapos de azul puro de um céu que ao meio dia era verdadeiramente o nosso alegre e limpidó céu, o céu da nossa terra.

O embarque das tropas estava marcado para as quatorze horas. Mas desde as onze que o povo se aglomerava nas ruas, convergindo para as grandes arterias por onde se faria o percurso da expedição em cujos soldados a

maior parte tinham parentes, amigos ou conhecidos que iam saudar na partida.

Era quasi a hora de reunir e nas casas dos que partiam trocavam-se as ultimas palavras de despedida.

O sentimento, o geral dos que iam, era de alegria.

As aventuras, as terras longiquas, o desconhecido, teem para o homem uma atração poderosa que lhe exalta o animo n'uma embriaguez salutar e o fortalece mesmo nas horas de provações previstas. E se algum mais timorato ou agarrado ao lar se sentia triste, por brio e honra da farda não o demonstrava no semblante.

Nos que ficavam, uns, suggestionados por aqueles, mostravam-se alegres tambem. Outros, em geral mulheres, mal podendo subjugar a dôr que as oprimia, com dificuldade continham o pranto, receosas de perigos ignorados, saudosas antecipadamente dos esposos ou dos filhos que temiam não tornar a ver.

Em casa do alferes Soares Viana, o quadro era mais de ternura que cena de dor. Da parte dos que ficavam confiada resignação; da parte do que partia, as exortações varonis que o amor e o entusiasmo da mocidade sabe encontrar para transfundir a vida e o calor do seu proprio sangue nas veias dos que ama e incutir alma ousada e valorosa nos laços decisivos.

Na sua cadeira de rodas Sebastião Viana, imbecilizado pela doenca, sofrendo as influencias do tempo, acordára bem humorado n'aquelle dia. E quando Alberto se lhe

aproximou e o beijou na testa com enternecimento quiz retribuir o beijo proferindo uma das poucas palavras que dizia ao acaso e que por coincidência singular n'aquelle momento parecia propositada: Queridos! Queridos!...

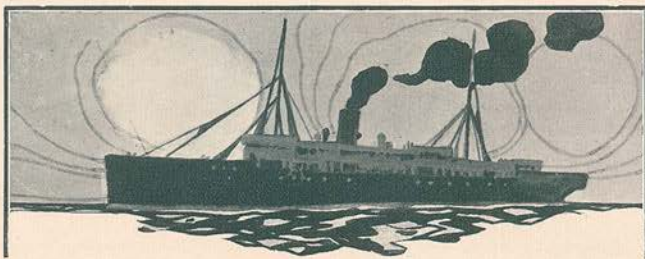
D. Albertina, cujos olhos se não despregavam do filho, recalçando a angustia que a estrangulava, steroiôpára nos labios um sorriso meigo, como se quizesse que a sua serenidade se gravasse—imagem indelevel—no espirito de Alberto e lhe fosse fanal protetor nos perigos que ia afrontar, e companheira inseparavel.

Luiza, vestida de luto, com a alma ainda abalada pela dôr da sua recente orfandade, com o braço passado á cinta de D. Albertina, como a escudar-se n'aquelle mulher de animo varonil preparada para todos os revezes, procurava mostrar-se forte e sorria tambem.

Depois de beijar seu pae, que não podia já entendel-o, Alberto voltou-se para as duas mulheres enlaçadas deante d'ele. Pousou brandamente as mãos no hombro a cada uma e beijando-as uma após outra disse-lhe carinhosamente:

—Quero vê-as muito alegres. Como eu estou, vêem? Se o amor da patria não tem nas mulheres a veemencia que tem nos homens outros estímulos poderosos lhes dão coragem: são os sentimentos afetivos e os do bem pessoal. Lembrae-vos de que vou em busca da vossa felicidade e da minha propria. Será esse sentimento egoista o mais imperioso tambem em mim? Ignoro-o. A alma

do homem é feita de luz e de lódo. O que sei é que vos amo as ambas. A si, minha santa mãe, pelo muito que de si me deu; a ti, minha querida Luiza, pela ventura que de ti espero. Por ambas iria aos confins do mundo com acon-



vicção de que voltaria triunfante. E por amor de vós terei cumprido talvez mais corajosamente os meus deveres de patriota e de soldado. A felicidade e a consciencia do dever cumprido... que se pôde desejar mais?!

As' dezeseis horas levantava ferro o vapor que levava a seu bordo muita mocidade inconsciente, delirante de comunicativo entusiasmo; raros desanimos; estranhadas saudades de grande numero; nobres e legítimas ambições de alguns, muitas esperanças vãs; ardentes e firmes propositos de desagravo em prol da patria e da humanidade ultrajadas de muitos outros; e entre estes ultimos, uma alma de eleição, absorta na visão interior de uma miragem de ventura povoada de imagens simbolicas de gloria e de renome—a de Alberto Viana, espirito iluminado pela presciencia do triunfo, sublime intuição do genio que alucinando o homem faz d'ele o heroe.

10-1-915.

A. C.

NO SUL D'ANGOLA



A farda dos voluntarios de Benguela

Soubese a semana passada que os alemães se retiraram do nosso territorio de Angola; mas sabe-se tambem que uma parte do gentio se revoltou e outra se refugiou junto dos nossos fortes; que em Benguela e n'outras cidades se organisam batalhões de voluntarios decididos a morrer pela libertação da provincia e, finalmente, que de Lisboa partem expedições após expedições.

Tudo isto não faz o menor sentido com os decantados propositos da neutralidade em que nos mantemos; tanto mais que, por outro lado, clama-se vingança contra os que talaram os nossos campos d'Africa, matando-nos dezenas de soldados e praticando contra nós as mesmas revoltantes desumanidades que estão praticando na Europa.

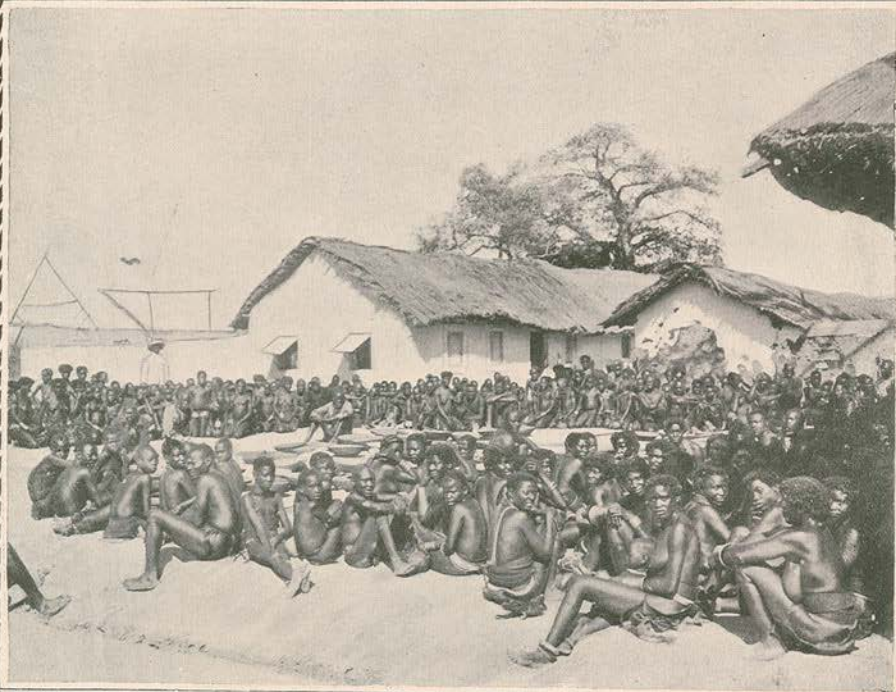
Este dubio estado de coisas está com razão preocupando o paiz, sempre pronto aos maiores sacrificios de vidas e de dinheiro, quando se trata da sua honra e da integridade do seu territorio. Vê ele partir essas grandes levas de soldados, cheios de fé e de coragem, começa a sentir na sua vida economica quanto lhe custa tanta gente pronta a combater; mas não atina com a verdadeira significação de tudo isto, não sabe como explicar tanta coisa desencontrada e no seu espirito desorientado ergue-se-lhe um ponto de ansiosa interrogação sobre o futuro que nos espera.



*O batalhão de voluntarios de Benguela no quartel da fortaleza
(«Clichês» do distinto fotografo amator sr. Tiberio d'Oliveira)*



*Exercícios do batalhão voluntário de Benguela sob o comando do tenente Belmiro
«Clichê» Tiberio d'Oliveira*



*Indígenas aglomerados no forte do Cuamato
«Clichê» do distinto-amador tenente-coronel sr. Carolino Cordeiro*

A princeza Yolanda de Saboia

Do illustre clinico, sr. dr. Melo Breyner, recebemos a seguinte carta:

Lisboa
 29 de Janeiro de 1915
 Sr. Sr.
 Sua Magestade A Rainha
 Margarete d'Italia a quem
 tive a honra de mandar al-
 guns exemplares de "Ilustra-
 ções Portuguezas" Cuido no fronte-
 picio o retrato da Princeza
 Yolanda de Saboia e encare-
 ça-me de agradecer ao Sr.
 Sr. dr. Melo Breyner a gentil
 homenagem prestada a Sua
 Augusta Voz.
 De V. g.
 Att. m. de g.
 Thomaz de Mello Breyner



PRINCEZA YOLANDA, filha mais velha do rei de Italia

Lisboa, 29 de Novembro de 1914

Segunda série - N.º 433

Ilustração Portugueza

JORNAL DE LITTERATURA, CIENCIAS, PORTUGUEZAS E BRASILEIRAS

Edição semanal do jornal

O SÉCULO

Numero annuo 2400

Numero 30

PREÇO 2000

REDAÇÃO

REDAÇÃO

REDAÇÃO

REDAÇÃO

REDAÇÃO

REDAÇÃO

REDAÇÃO

REDAÇÃO

REDAÇÃO

REDAÇÃO

REDAÇÃO

REDAÇÃO

REDAÇÃO

REDAÇÃO

REDAÇÃO

REDAÇÃO

REDAÇÃO

REDAÇÃO

REDAÇÃO

REDAÇÃO

REDAÇÃO

REDAÇÃO

REDAÇÃO

REDAÇÃO

REDAÇÃO

REDAÇÃO

REDAÇÃO

REDAÇÃO

REDAÇÃO

REDAÇÃO

REDAÇÃO

REDAÇÃO

REDAÇÃO

REDAÇÃO

REDAÇÃO

REDAÇÃO

REDAÇÃO

REDAÇÃO

REDAÇÃO

REDAÇÃO

REDAÇÃO

REDAÇÃO

REDAÇÃO

REDAÇÃO

REDAÇÃO

REDAÇÃO

REDAÇÃO

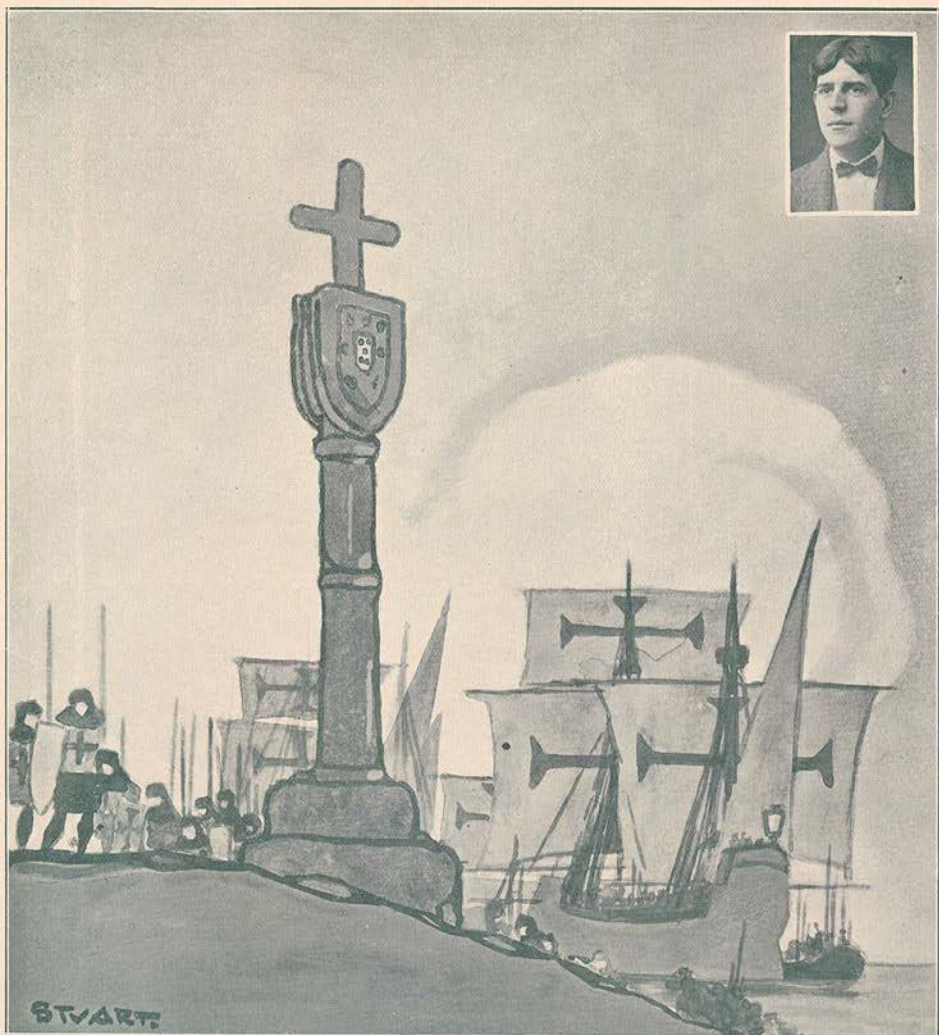
REDAÇÃO

REDAÇÃO



O novo ministerio (exceto o sr. dr. Nunes da Ponte que ainda se não encontrava em Lisboa, sendo do palacio de Bellem. — Da esquerda para a direita: O coronel de artilharia, sr. Gonçari de Medeiros, ministro da instrucção; o vice-almirante sr. Xavier de Brito, ministro da marinha; o coronel de engenharia, sr. Gomes Teixeira, ministro do interior; o coronel de engenharia, sr. Theofilo Trindade, ministro das colonias; o general sr. Pimenta de Castro, presidente, ministro da guerra e interino dos estrangeiros; o sr. dr. Guilherme Moreira, ministro da justiça; o capitão de engenharia, sr. Herculano Galhardo, ministro das finanças. — (Glicio Benoliel).

Cantiga do soldado



Eu hei d'ir de Serra em Serra
Nossa bandeira mostrar;
—Havemos de ser na Terra
O que já fômos no Mar.

Ninguém me peça que fique
Que eu não quizera ficar;
—Sol que brilhaste em Ourique
Tornas de novo a brilhar.



Lisboa, Janeiro 1915.

Hei-de levar a meu lado
A guitarra sensual
— Que vencer cantando o *Fado*
E' fado de Portugal.

O' Soldados, a Ventura
Ha de ser nossa Irmã;
—Que depois da noite escura
Nasce o sol pela manhã.

Já diviso os arreboes
D'um sol distante que vem
Mostrar que netos d'heroes
Hão de ser heroes tambem.



E se eu morrer não se zangue
Minha mãe... não leve a mal;
—Tem sido feita com sangue
A historia de Portugal!

Vou partir, vou para a guerra,
A todo o Mundo mostrar
Que havemos de ser na Terra
O que já fômos no Mar!



MANUEL A. F. DE BARROS.

O Velho Mundo em guerra

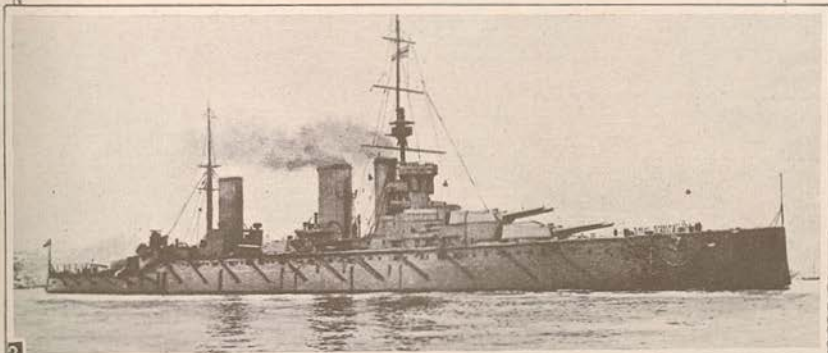
Incontestavelmente, a Inglaterra continúa a ser a rainha dos mares. Como Veneza nos princípios do século XV e Portugal nos princípios do século XVI, a Inglaterra tem ha muito a soberania do oceano, ou se trate de commercio ou se trate de poderio militar.

A actual guerra provou-o á saciedade. Os que julgavam a marinha alemã, tão dispendiosamente desenvolvida nos ultimos anos, um pesadelo para a marinha ingleza, vão reconhecendo dia a dia que o poder naval germanico não passava de uma lenda. A quasi totalidade dos seus navios mercantes continua detida nos portos em que se encontrava ao rebentar a guerra sem que a sua esquadra os tente sequer libertar; os seus cruzadores e couraçados vão sendo metidos, pouco a pouco, no fundo; essa famosa aluvião de submarinos, com que os alemães pretendiam minar os mares para dar cabo das esquadras inimigas, desfez-se como todas as fumaças de valentia que eles tem pretendido atirar-nos aos olhos.

Mais uma vez quizeram os seus navios investir contra a costa ingleza, cortando por aguas que julgavam mal vigiadas. Enganaram-se, porque deu com eles a esquadra ingleza do comando do almirante Beatty. Descobertos, o primeiro movimento d'esses «valentes» foi fugir; mas, perseguidos e alcançados, não tiveram outro remedio senão aceitar combate, metendo os inglezes no fundo

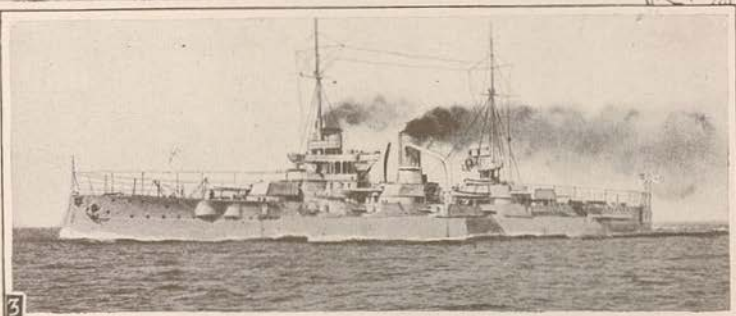


O almirante inglez Beatty, o glorioso vencedor de Heligoland e do combate do Mar do Norte com a esquadra alemã



O cruzador inglez «Lions», um dos barcos da esquadra do almirante Beatty que tomaram parte no combate do Mar do Norte contra a esquadra alemã

o couraçado «Blücher» e causando serias avarias nos outros navios da esquadra inimiga. Se estes não se refugiam na



O cruzador alemão «Blücher», metido a pique no Mar do Norte pela esquadra ingleza



Um prisioneiro alemão que dificilmente se deixa fotografar
 («Cliché» M. Branger).

zona das minas,
 nem um só cer-
 tamente escapava.

A esta vergonhosa derrota no mar sucedeu-se outra não menos vergonhosa em terra. Os alemães quiseram celebrar o dia do aniversário do kaiser, 27 do mez passado, com um estrondoso feito de armas. Talvez pensassem até em ser n'esse dia o celebrado almoço em Paris, carregando depois com a torre Eiffel debaixo do braço!

Em toda a extensa linha de batalha que do norte da França entra pela Belgica, houve um desentorpecimento que mal se compadece com as temperaturas siberianas que por lá se sentem.

Dos Vosges ao mar rompeu o canhoneio alemão; os soldados saíram das trincheiras para atacar em massas cerradas.

Combateu-se com o ardor dos primeiros dias; sonhou-se com uma victoria brilhante para festejar tão augusto dia.

Afinal, apuradas as contas, isto é, contados os mortos, feridos e prisioneiros, reconheceu-se que o triunfo germanico se traduzia na perda de 20.000 homens!

Vinte mil victimas imoladas a um senhor como o kaiser, no dia dos seus anos, ainda não é holocausto que esteja á altura das hordas que ele comanda!



A distribuição do correto n'um campo de batalha.— («Cliché» M. Branger).



Em uma das trincheiras da primeira linha nos arredores de Reims: Uma partida de cartas interrompida pela passagem d'um Taube.



Um regimento de infantaria russa em marcha para o campo de batalha



Uma lição de inglês a dois indianos feridos na batalha de Flandres



1. Reservistas russos em Moscow recebendo armamento para partirem para a fronteira.

2. A infantaria belga fazendo fogo sobre o inimigo, abrigada por uma trincheira de troncos de arvore.



1. Pétergrád. Entrada n'uma igreja para fazer preces pela victoria.
2. Chegada de um contingente inglez a Flandres.—(«Cliché» Chusseau-Flaviens).



Os 4.200 colaboradores voluntarios da Agencia dos Prisioneiros de Guerra, inaugurada em Genebra, Suissa, a 15 de Agosto de 1914 pelo Comité Internacional da Cruz Vermelha (©Clichés Frd. Boissonar).

A INVASÃO RUSA NA HUNGRIA



Os austríacos, surpreendidos pela cavalaria russa, fogem desordenadamente em Uzrok Pass



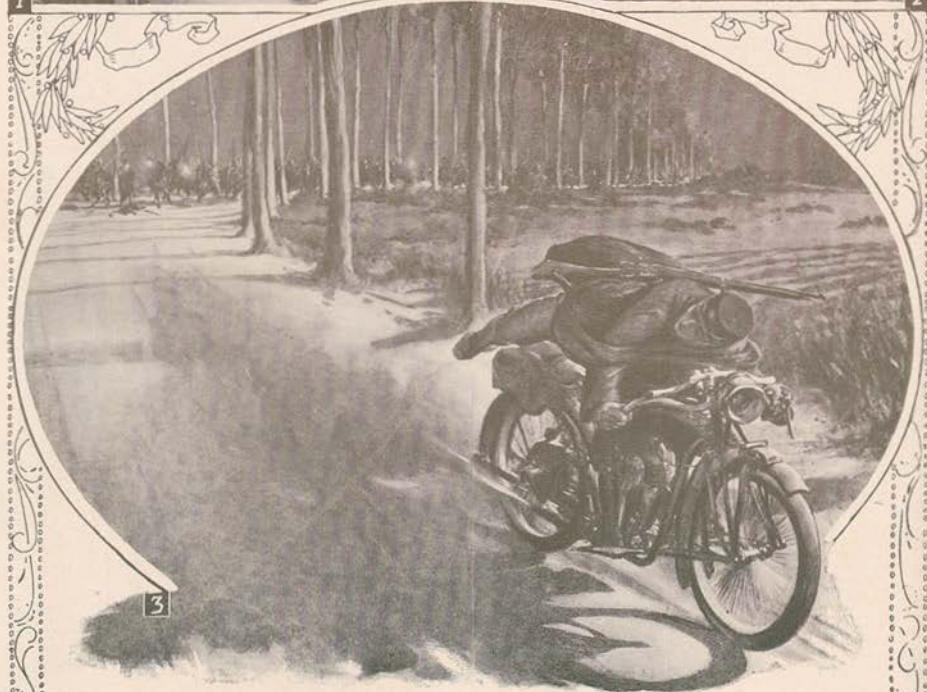
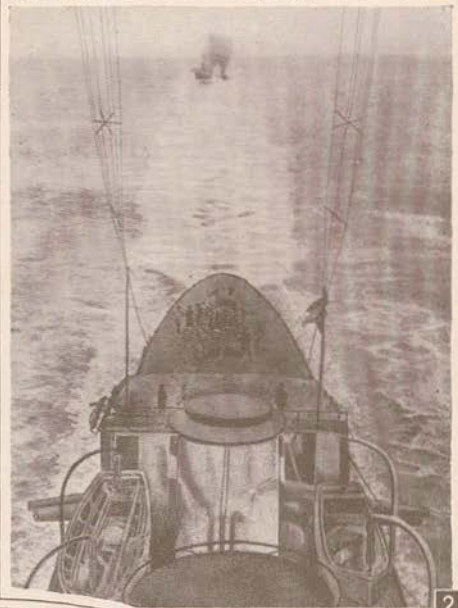
Uma coluna de soldados russos em marcha sobre a Galicia



Na floresta da Argonne: Conquista de uma trincheira alemã, depois de uma luta desesperada.
(De The Sphere).



No Ypres: Uma carga de baioneta da infantaria inglesa contra a famosa guarda imperial alemã.—(De The Sphere).



1. Nos Vosges: Infantaria franceza em observação nas margens de uma ribeira.
2. Uma bomba de um aeroplano alemão explodindo junto de um torpedeiro inglês que tomou parte no raid contra Cuzhaven.
3. Um estafeta francez perseguido pelos uhlans alemães.—(De The Sphere).



Um ataque de artilharia russa, que motivou a retirada dos alemães dos arredores de Varsóvia.—(Do Illustrated London News).



1. Grupo de senhoras da Cruz Vermelha fazendo pensos e ligaduras para os feridos na guerra.
2. Um destacamento de soldados francezes descansando sob o hangar de uma estação de caminho de ferro.



Uma carga de infantaria inglesa e indiana sobre os alemães ao norte da Bélgica.—(Do Illustrated London News).

Os artistas e a guerra



Não hesites; anda sempre para deante. Levar-te-hei depois comigo, para le poupar a vergonha de seres enforcado pelos teus subditos. (Da MUCHA).



Na fronteira belga: Estalon-me mesmo por cima da cabeça: parece-me que lá se va a corôa. (Da MUCHA).



O KAISER: Tens apenas de explodir; não te preocupes com mais nada.
O TURCO: Está bem! Mas onde vou eu parar quando tudo estiver de pernas para o ar?



—Majestade, segundo os vossos desejos pledosos, os prisioneiros invalidos vão ser recaviados para os seus paizes.
—Sim; foi o que vos recomendei.
—Senhor: serão expeditos em caixões.



NO RESTAURANT DA EUROPA:
O KAISER: Nem Paris, nem Nancy, nem Varsovia, nem Calais! Afinal o que se poderá tomar?
O CREADO: Tens ainda Berlim!
(Da L'EUROPE ANTI-PRUSSIENE).



Pó de formigas! Venha pó de formigas! Esta bicharia já lava de mais por todo o mundo.—(Da MUCHA).



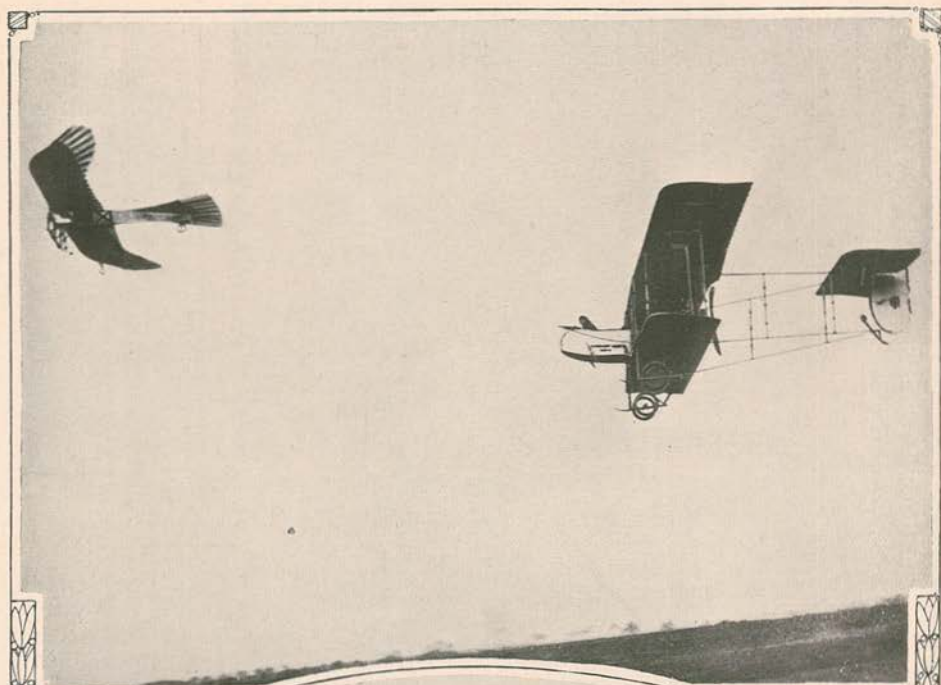
Por mais que ele dê ao fole, os outros não o deixaram encher.



Tens feito grandes estragos; mas também já estás miseravelmente depenada, restando-te só a pena de pavão.



O novo empedrado das ruas de muitas terras da Bélgica e França inventado pela civilização alemã.



1. Um aeroplano inglez perseguindo um «Taube»—2. Um trecho do acampamento dos aliados na Flandres («Clichés» Chusseau Flaviens).



*Caçadores alpinos guardando uma
ponte sobre uma ribeira
(«Cliché» M. Branger).*



*Uma patrulha de hussards
em marcha
(«Cliché» Chusseau Flavbiens)*

FIGURAS E FACTOS



Vestuario e brinquedos distribuidos às creanças pela redacção do jornal Telegrafo, no Faial (Açores) («Clíche» do sr. Goulart Cardoso)



2. O sr. João Nunes de Oliveira, comerciante e proprietário em Beja, onde faleceu na idade de 70 anos—3. O sr. dr. Agostinho de Abranches Teixeira Fazenda Viegas, juiz do 1.º distrito criminal de Lisboa, falecido ha dias—4. A menina Georgina Dias da Silva, de 18 anos, falecida em Messejana (Alentejo)—5. A menina Maria Manueia Barral Filipe de Brito Figueirôa, falecida ha dias, filha da sr.ª D. Maria do Carmo Barral Filipe Nicholson Barradas e neta do sr. dr. Carlos Barral Filipe, já falecido—6. O sr. Adolfo Gonçalves, funcionario publico ha dias falecido, filho do sr. Manuel J. Gonçalves, general reformado—7. O sr. Bernardino Teixeira Vasconcelos Junior, falecido em Lisboa.



Escola Medica de Nova Goa— («Clíche» do sr. Sousa Lobo)



Club Internacional de «Foot-ball» da Beira (África Oriental) 1.º «team», guarda rede, Lutz Perry de Linde; defezas, Estacio da Velga e J. da Silva; metas defezas, Joaquim Cesar, Castro Galvão e Menezes Ferreira; avançados, George Frank, F. Marçal, Carlos de Magalhães, M. Ferreira e João Peixoto—2.º «team», guarda rede, Sergio Azedo; defezas, Vitor Ferreira e A. Cardoso; metas defezas, Antonio Froes, João Garico e Manços Medeiros; avançados, Carlos de Faria, Dionisio Pinho, Gaspar Leite, Marcelino Simões, e H. Broke—(«Clíchê» do sr. Francisco Cardoso)—2. O 1.º «team» do Club de «Foot-ball» Onze Portuguezes em Manaus (Brazil): 1.º plano, da esquerda para a direita: R. Braga, A. Joaquim A. Gavinho, J. Matos e A. Bezelga; 2.º plano: J. Felix, J. Figueiredo, e A. Lutz; 3.º plano: H. Castro, A. Sousa e A. Cabral.



3. Teatro Gil Vicente, em Lourenço Marques, onde se realisou um espetaculo em beneficio das viuas e orfaos dos soldados belgas—4. A apoteose á Belgica: Um quadro das nações em que tomaram parte, representando o Japão, a menina Maria Luiza Lamas Ribeiro; a França, menina Eteuina Rodrigues; Portugal, menina Celeste Rodrigues; Inglaterra, menina Alba de Carvalho; Russia, menina Cicy Conceiro da Costa; Belgica, a menina Judit Melo. («Clíchês» do sr. H. Carvalho)

Hotel Francfort. — Foi em 19 de janeiro que o proprietario do Hotel Francfort fez a inauguração das novas instalações do seu estabelecimento, para a qual fez convite á imprensa e a muitos amigos que ali compareceram.

Os jornaes diários já se referiram ao acontecimento e teceram grandes encomios ao sr. João Narciso da Silva, proprietario do hotel, pelo seu arrojado e iniciativa, que honra e dá brilho á cidade.

A gravura que publicamos é do salão-restaurante que é o mais vasto no genero.



O novo salão-restaurante do Hotel Francfort

INSTITUTO SERUMTERAPICO DE BUTANTAN no Estado de São Paulo

O modelar Instituto de defeza contra o ofidismo está situado em uma vasta propriedade que tinha e conserva o nome de Butantan, a 9 kilometros da cidade de S. Paulo. Ocupa uma area de 300 hectares, d'on-de se disfruta um panorama bellissimo.

O historico do Instituto Serumterapico honra o Estado de S. Paulo. Quando, em 1899, a cidade de Santos, laboriosa colmeia de portuguezes, foi invadida pela peste bubonica, o governo estadual, tendo difficuldade de obter a vacina contra a peste, creou o Instituto a fim de se preparar para nova invasão. Tiveram caracter provisorio as antigas instalações, até que em 1912 foram construidas as dependencias que ora causam a admiração do mundo científico. O Instituto fabrica varios seruns cujos efeitos são eminentemente praticos e salutareos.

Serum anti-pestoso — A tecnica seguida pelo Instituto no preparo dos animaes produtores do serum contra a peste compreende tres fases distintas. Na primeira fase, sofrem os animaes injeção em doses progressivas, de cultura de bacilo *pestis em agar*, suspensos em serum artificial e mortos pelo aquecimento a 65°. Na segunda fase, injetam-se culturas vivas em doses e virulencia progressivamente crescentes. Na terceira fase, alternando com as injeções virulentas, que são endovenozas, injeta-se subcutaneamente caldo de cultura filtrado. Os animaes nas duas fases da indenisação são sempre protegidos por injeções de serum anti-pestoso.

A vacina contra a peste preparada pelo Instituto é constituída por bacilos *pestis* provenientes de cultura em agar e mortos pelo aquecimento a 65°, durante uma hora, e suspensos em serum artificial fenicado a $\frac{1}{4}$ / 10. A dose para adultos é constituída pela quantidade media de bacilos, que se póde obter em 48 horas em um

tubo ordinario de agar inclinado. O vesiculo em cada dose é 1 c. c.

Seruns anti-peçonhentos.—São quatro as especies de seruns que o Instituto prepara, applicaveis nos casos de mordeduras de cobras peçonhentas, a saber:

1.º) O serum anti-crotalico, fornecido por animaes hip-immunizados contra o veno da cascavel (*Crotalus terrificus*) e aconselhavel especialmente nos accidentes determinados por esta especie de ofidius.

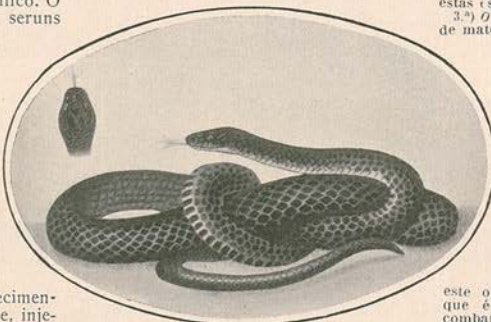
2.º) O serum anti-botroprico, tirado de animaes preparados contra o veneno das especies mais frequentes de Lachesis e antigamente incluidas no genero Bothrops, hoje desaparecido a classificacão—Jararaca (*Lachesis lanceolatus*), ururu ou coat ára (*Lachesis alternatus*) e a Lachesis atrox. É especialmente indicado nos accidentes determinados por estas especies.

3.º) O serum anti-lapineo. Por falta de material (peçonha de elaps), ainda não foi possivel entregar ao consumo um só tubo de serum. Deverá ser fornecido por animaes immunizados contra o veneno das diferentes elaps, que conslueem especies extremamente raras no sul do Brazil.

4.º) O serum anti-ofidico, serum polyvalente para o tratamento de qualquer caso de mordedura de cobra. Os animaes que o fornecem são immunizados com a mistura das diferentes peçonhas, em que entra cada especie com dose proporcional á sua frequencia. É este o serum mais procurado, porque é sufficientemente ativo para combater os envenenamentos determinados pelas especies mais frequentes na America do Sul.

A formula seguida pelo Instituto é a que se segue:

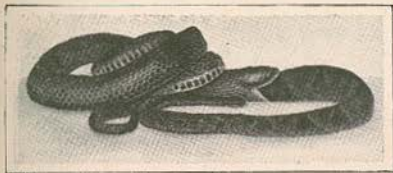
Para o preparo dos seruns anti-peçonhentos empregamos o cavallo. A dose inicial deve ser sempre tão pequena que o animal não deve absolutamente apresentar alteracão alguma no seu estado fisiologico; o aumento das doses deve ser muito pequeno no começo da immunisação; as injeções serão feitas de 3 ou de 5, em 5 dias, conforme a tolerancia do organismo que se pretende immunisar, chegue a tolerancia do organismo e ás subsequentes, a injetar doses colossaes para defender-se da acção do veneno e sob a influencia d'este, fabricam uma substancia, que denominamos anti-toxina, a qual tem a propriedade de neutralisar o veneno, pela grande elividade de combinacão que tem para com, elle. Assim, á medida que aumentamos as doses de veneno, aumenta-se proporcionalmente a formacão de anti-toxina. Esta acumula-se principalmente no sangue e póde ser retirada pela sangria do animal e separacão da parte liquida do



Rhabdelys brazile (nome vulgar «Mussurama»).



Fachada principal do Instituto Serumterapico de Butantan



A *Rachideus engulindo a sua vítima*

sangue que é constituída pelo serum. Atualmente começamos a imunização com uma dose bem mais forte, mas protegemos previamente o animal por injeção endovenosa de serum anti-toxico, feita antes da injeção de veneno. Com este metodo temos conseguido abreviar o periodo de imunização sem os acidentes que tinhamos antigamente.

O veneno que empregamos na imunização dos animaes e colhido segundo a tecnica do Instituto e, depois de filtrado e seco na estufa a 37°, é conservado n'este estado para ser utilizado a medida das necessidades.

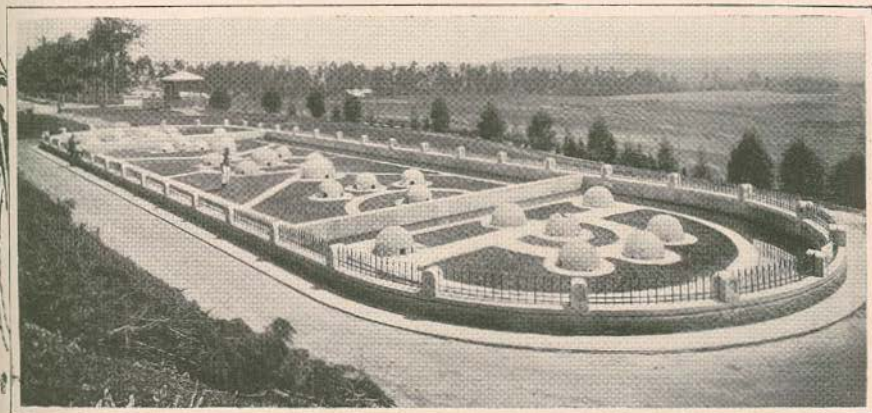
Quando um animal destinado a produzir serum anti-toxico chega a ultima fase da imunização e submetido por exames pre-

venenosas e um á mussurana.

Tratamento dos accidentes

ofídicos. — Os accidentes ofídicos devem ser tratados o mais prontamente que fôr possível. Nos casos de gravidade extrema é indispensavel fazer-se a injeção do serum dentro das primeiras horas. Segundo a terapeutica do Instituto, a dose a injetar varia conforme a gravidade do caso, a qual poderá avaliar-se pela rapidez e importancia que apresentam os primeiros sintomas. Como indicação pratica, aconselha-se 10 c. c. para os casos leves, 20 c. c. para os de meia intensidade e 30 c. c. para os casos graves.

Serum anti-difterico. — E' preparado no Instituto pelo metodo comum, injetando-se toxina difterica nos cavalos. E' dosado pelo metodo de Ehrlich. Só são entregues ao consumo as partidas que dosam pelo menos



Grande serpentario

vios que já possui um serum sufficientemente activo, retiramos-asaproveitamento de uma das veias jugulares o 1/2 litro de sangue. Este é recolhido em vasos esterilizados, de vidro, de boca larga, de dois litros de capacidade, e fechados a papel pergaminho, tendo superposta uma tampa metálica.

O sangue assim colhido coagula mais ou menos rapidamente, deixando escapar lentamente do coelho fibrinoso a metade do seu volume em serum, cuja separação atinge o maximo dentro de 24 horas.

O serum, uma vez separado do coelho, é colhido assepticamente por meio de filtros esterilizados em grandes vasos (Alongras) igualmente esterilizados e, depois de repousar sete dias, é distribuido em ampolas para ser entregue ao consumo.

Estes serums são distribuidos em ampolas de 10 c. c., fechadas a lampada, lrazendo no rotulo a dosagem em lindicção da quantidade de veneno neutralizavel por centimetro cubico de serum—as liras v. e. que tem dizer veneno crotalico e v. b. veneno bothropico. O serum anti-ofídico é dosado em relação a estes dois tipos de veneno.

Serpentario.—As cobras são utilizadas no Instituto para dois fins distintos: um o de fornecer veneno que serve para imunidade dos animaes produtores dos serums anti-toxicos; o outro o de fornecer material para observações de biologia com relação ao modo de vida de taes animaes na natureza. Existem, por esse motivo, duas instalações: uma para as serpentes venenosas e outras para as que o não são.

A primeira é o serpentario instalado em frente do Instituto. Ocupa uma área de 500 metros quadrados, cercada por um canal onde se encontram batraquios e peixes. A parede externa do canal, bem como o muro que o circunda, são a prumo e de faces lisas a fim de impedir que a cobra suba e saia do serpentario. Na area, plantada de graminea, encontram-se pequenos abrigos em forma de cupins, onde as serpentes se escondem e se protegem do frio, do sol e da chuva. O serpentario está dividido em tres compartimentos: dois destinados a cobras

100 unidades por centimetro cubico. A maior dosagem obtida até hoje foi de 500 unidades por centimetro cubico. Atualmente produz já 4.295 ampolas.

A direção do Instituto está entregue ao seu ilustre fundador, dr. Vital Brazil, gloria da ciencia brasileira. A sua monografia celebre *A Defeza contra o Ofidismo* atesta os mais vastos conhecimentos da especialidade. Devido ao seu perseverante estudo é que o Instituto Serunterapico do Estado de S. Paulo se tornou conhecido no mundo científico, sendo, consoante a opinião dos entendidos, o melhor instalado e com maior amor profissional defendido.

S. Paulo, maio 1914

JOSÉ S. MÓES COELHO



A *Rhachideus matando um Lachesis lanceolatus (jararaca).*

(Clichés da fotografia Gaerly-S. Paulo)

Teatros



O ator
Nascimento Fernandes



Gustavo Sequeira
Autores da revista «Ceú Azul» em cena no Teatro Avenida



Pereira Coelho



Luiz Gahardo
Autores da revista «Ceú Azul» em cena no Teatro Avenida

«O MEU BÊBÊ» no Teatro Politeama

Adelina, Aura Abranches e Azevedo representam ha dias no Teatro Politeama a peça de Miss Mayo que, com o titulo mais expressivo de «Chuva de Filhos», vimos já esta epoca no Ginasio. E' uma alegre e desopilante farça, a que Aura imprimiu a nota da sua admiravel e linda mocidade.

«A TARTARUGA» no Teatro do Ginasio

Entrámos no carnaval—e «A Tartaruga» iniciou no Ginasio o repertorio carnavalesco. A comedia de Gandillot é engraçada—e, sobretudo, variada. As peripecias multiplicam-se, as situações comicas e, muitas vezes, burlescas, sucedem-se, dando ao espectador a impressão d'um d'estes rodopios teatraes, em que é fecundo o genero alegre francez. «A Tartaruga» foi representada com vivacidade, com juventude e com espirito, n'uma «mise-en-scene» cuidada e com excellentes cenarios de Mergulhão.

«CEU AZUL»

Um quadro novo no
Teatro Avenida

O «Ceú Azul» atingiu na terça-feira passada as suas cem representações, em recita dedicada aos seus felizes autores, os srs. Luiz d'Aquino, Pereira Coelho e Gustavo Sequeira — tres pessoas distintas, excellentes e de talento brilhantemente afirmado em successivos exitos teatraes. Um quadro novo, «A meia noite» ou «A Fita do Diabo» veiu agora renovar a vida graciosa e elegante da revista, dando-lhe uma nova nota de originalidade e de espirito. A satira é fina e, por vezes subtil; a malícia esfusia, aqui e além e o movimento das figuras e dos numeros musicas é sempre habilmente condu-

zido. «A Fita do Diabo»!... Mas não se assustem. Não é da politica portugueza que se trata.

«FLOR DA RUA» no Eden Teatro

Se a ação d'esta «Flor da Rua», em vez de decorrer, parece-me, na Granja, se desenrolasse em qualquer estação de prazer cosmopolita; se o Barão que atravessa a peça, com a sua decidida vocação para marido infeliz, usasse um titulo alemão ou disfrutasse um principado russo; se a protagonista da peça tivesse a mesma nacionalidade—esta bela opereta original dos srs. A. Leite e Carvalho Barbosa, com musica do sr. Fernando Moutinho, podia perfeitamente passar por austriaca, marca Franz Lehar e estar sendo, a estas horas, cantada, não só pela sr.^a D. Cremilda de Oliveira, no Eden, mas tambem pela signorina Ivanisi, no Coliseu dos Recreios e em outros palcos da Europa. Isto é o seu elogio—e a sua censura. E' que a esta peça, no seu genero, excelente falta-lhe só uma qualidade para merecer os meus incondicionaes louvores e a incondicional antipatia de certas pessoas: ser portugueza.

«GENTE DO MAR» «A PORTUGUEZA» no Teatro Apolo

Uma peça regional feita com reaes meritos de teatro, «Gente do Mar», dos srs. Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa e uma peça vibrante do sr. Simões de Castro, «A Portugueza»:—taes foram as novidades da semana finda no Apolo.

O sr. Simões de Castro! Lembro-me d'um rapazito imberbe, muito modesto, muito vivo, muito digno e trabalhador, a cujos primeiros passos na imprensa, ha alguns anos, no Porto, teve quem estas linhas escreve ocasião de assistir de perto. Com que prazer aplaudo agora o talento, cheio de prometedora e sincera fé, do moço desconhecido e aca-nhado d'então!



A atriz Pilar Montelro, da revista «Ceú Azul»